



De olho nas eleições de 90, Quércia não quer aliança com PSDB

PMDB quer apoiar Covas. Quércia resiste à aliança

O lançamento de Sílvio Santos apressou os contatos entre os partidos com vistas às negociações para o segundo turno da eleição presidencial, embora já existam tentativas de acordo já para o primeiro turno. Este é o caso de uma articulação interna no PMDB com o objetivo de levar o candidato Ulysses Guimarães a sair da disputa em favor do "tucano" Mario Covas, articulação confirmada ontem em São Paulo por aliados políticos do governador paulista Orestes Quércia, que condena a manobra.

Um acordo Ulysses-Covas é impensável até mesmo para o segundo turno, de acordo com a visão de Quércia, um dos principais apoios da candidatura do PMDB. A essa altura da campanha, o simples veto de Quércia a essa proposta é capaz de inviabilizar as tentativas de aproximação entre os ulissistas e os "tucanos". O motivo são as eleições estaduais do ano que vem: Quércia quer assegurar que a sucessão dele não fique nas mãos de um de seus principais rivais na política estadual paulista. O governador já tem até um candidato saído dos laboratórios do Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo, e até agora completamente desconhecido do eleitorado: o atual secretário da Fazenda paulista, José Machado de Campos Filho.

A tendência de Quércia é apoiar

Leonel Brizola no segundo turno, se este chegar lá, pelo menos é isso o que espera o ex-governador do Rio, cuja campanha foi incapaz de firmar bases sequer razoáveis no Estado com o maior colégio eleitoral do País: 18 milhões de votantes. Mas também é verdade que Quércia não se recusou a ouvir o ex-governador de Alagoas Fernando Collor. Os dois teriam mantido nada menos do que quatro encontros ao longo desta campanha eleitoral. Esta aliás é uma das especialidades de Quércia: a política de bastidores longe das fofocas do meio político. Ele leva a sério e costuma repetir a frase de Tancredo Neves, registrada na dedicatória de um livro, de que é "o mais mineiro dos políticos paulistas".

No PMDB, especialmente, os gestos e atitudes de Orestes Quércia daqui para a frente estão merecendo muita atenção. O governador paulista já deixou escapar a pretensão de ser o herdeiro político da máquina depois da eleição presidencial e ao longo do ano de 90, quando o processo eleitoral será tão ou mais importante que o atual: o próximo presidente da República, qualquer que seja, e os partidos políticos em fase de recomposição deverão, todos, fazer um esforço muito grande para renovação do Congresso Nacional, das assembleias legislativas e dos governos estaduais.